

Diálogos

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Diálogos
ISSN em linha 2789-2182
ISSN impresso 2520-5927
dialogosuntl.com
<https://doi.org/10.53930/348522>

Volume 06
2021

HISTÓRIA, FILOSOFIA E DESENVOLVIMENTO

HISTORY, PHILOSOPHY AND DEVELOPMENT

Martinho Borromeu
Natalino da Costa Soares

Decano da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Nacional Timor Lorosa'e

Docente do Instituto Superior de Filosofia e Teologia, Fatumeta-Díli

Submetido: 30 de abril de 2021
Aceito: 24 de outubro de 2021
Publicado: 17 de novembro de 2021

HISTÓRIA, FILOSOFIA E DESENVOLVIMENTO¹²

Martinho Borromeu³

Natalino da Costa Soares⁴

Resumo: A história de Timor-Leste passou por vários momentos de transformações devido às ações humanas que contaram com a presença de portugueses, japoneses, indonésios e de diferentes grupos sociais e reinos locais. Com isto, nota-se que a tendência da evolução do pensamento, decorrente da educação em filosofia e o seu contributo para as mudanças que se viam necessárias, foram instrumentos iniciais para que Timor se tornasse uma república, não explorada, mas sim como um povo autónomo. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre o papel da filosofia na história da sociedade timorense.

Palavras-chave: História; Timor-Leste; Filosofia.

HISTORY, PHILOSOPHY AND DEVELOPMENT

Abstract: The history of East Timor has gone through several moments of transformation due to human actions that have the presence of Portuguese, Japanese, Indonesians and different social groups and local kingdoms. With this, one can note the trend of the evolution of thinking, arising from education in philosophy and its contribution to the changes that were seen as necessary, were initial instruments for Timor to become a republic, not explored, but as an autonomous people. Thus, the aim of this article is to present a reflection on the role of philosophy in the history of the Timorese society.

Keywords: History; East Timor; Philosophy.

¹ Muito obrigado pela participação direta e indireta dos docentes e pesquisadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), nomeadamente Luis Maia, Nicolau Borromeu, Duarte da Costa Barreto, Marciana Almeida Soares e Elda Alves Sarmento.

² <https://doi.org/10.53930/348522>

³ Decano da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

⁴ Docente do Instituto Superior de Filosofia e Teologia, Fatumeta-Dili.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos podemos vivenciar diversos processos e debates acalorados sobre o modo de compreensão da história humana. Debates estes que indicam uma preocupação que remonta aos gregos – com Heródoto considerado o ‘pai da história’ – e se estende até os dias atuais. Isto revela, de certo modo, um conjunto amplo de possibilidades para a realização da história como, por exemplo, as correntes de maior prática, ou seja, os marxistas e os culturalistas.

Um dos nichos da sociedade que mais influenciam na qualidade de vida e, também, na vivência, é a política. Com isso, o ser humano enquanto indivíduo, atua como um participante de um arranjo político, com uma prática e pensamentos responsáveis para toda a sociedade. Sendo assim, é esperado do indivíduo que consiga compreender questões práticas e objetivas para que possa contribuir para a superação de dificuldades, enquanto comunidade. Aponta-se que, o ideal seria que todos em sociedade possuíssem a capacidade de percepção de seu lugar de inserção enquanto coletivo e, também, sobre os efeitos de suas ações. O pressuposto é que, a consciência histórica seja compreendida pelos legados que são transmitidos através das gerações e que atuam como exemplos.

É natural do homem interrogar a vida, o que deve ser feito de forma contínua. O modo como essa indagação é feita é algo divergente de ser humano para ser humano, mas a necessidade ainda é a mesma. O contexto histórico é o local onde se busca e, por vezes, se acha essa resposta. Com isso, a filosofia é manifesta como um meio de compreensão que auxilia no entendimento da existência humana, fornecendo direcionamento para as ações humanas. A filosofia é a área de entendimento que, quando se apropria, é possível perceber a reflexão que possui no cotidiano humano. Desde os pontos mais simples até os mais complexos.

Convém ressaltar que, a história da filosofia para os timorenses é algo que requer atenção para o aspecto histórico. A origem do pensamento filosófico em território nacional remonta ao século XVI, com a colonização portuguesa e indonésia até a sociedade contemporânea. A ideia específica acerca da filosofia

no Timor é algo com reflexão em dois pontos principais para o entendimento do que se conhece como filosofia timorense. O primeiro ponto é que, a filosofia timorense deve ser compreendida como um exercício de pensamento filosófico com relação quanto as circunstâncias da realidade nacional, com a construção de um pensamento derivado da realidade latente. O segundo ponto é que, a caracterização da filosofia timorense pode ser entendida pela construção do País, tendo em vista que os objetos da área são, em geral, universais, mas ainda sim podem ser refletidos em diversos aspectos para a realidade de diversos países.

Em virtude do Timor ter sido construído enquanto País com a colonização, a cultura e o pensamento produzidos passam a valer com a origem do local de colonizações: Portugal e Indonésia. Isso porque, a cultura indígena foi suprimida em função do pensamento do velho mundo implantado pelas nações de Portugal e Indonésia. Sendo assim, para a compreensão acerca do papel nas diversas mudanças no Timor e, por conseguinte, do papel da filosofia timorense, é necessário entender o movimento da história timorense. Isso porque, como já mencionado, apesar de o pensamento filosófico dispor sobre assuntos que são atemporais, os pensamentos filosóficos são ligados ao tempo e, por conseguinte, ao contexto da história.

Em correlação ao movimento histórico da evolução timorense, a filosofia, enquanto história e também disciplina singular, pode ser classificada e categorizada conforme os períodos que o País passou até chegar no tempo atual. Desse modo, o pensamento filosófico em território nacional possui distribuição em três períodos históricos para o País: o Timor colonial, o Timor imperial e o período republicano. Cada um desses períodos possui elementos que construíram e ainda constroem o pensamento filosófico e que ainda evoluem conforme o movimento histórico. Sendo assim, o objeto deste estudo é a proposição de uma reflexão filosófica acerca da história da luta dos timorenses para a independência de Portugal e Indonésia. Com isso, será abordado aqui a participação da filosofia no período colonial e invasão, tendo em vista a sintetização necessária aqui imposta.

Para alcançar o objetivo proposto neste artigo, o referencial teórico foi dividido em quatro seções: a primeira seção aborda acerca da filosofia, para entendimento enquanto campo da educação e, também, do pensamento; a

segunda seção destaca a história, com enfoque para a ligação com a filosofia; a terceira seção destaca acerca da atuação da filosofia na construção da nação; e a quarta seção aborda sobre a história da luta pela libertação nacional da pátria e do povo.

FILOSOFIA

A Filosofia produz pensamentos acerca da realidade, não por meio de pontos recortados, mas sim da totalidade. A visão filosófica é de conjunto para o entendimento acerca de uma questão-problema, não com uma visão parcial, mas sim quanto a cada aspecto que é observado em um contexto de inserção (Cunha, 2013).

É imperioso destacar, ainda quanto ao entendimento de Cunha (2013) que, essa área não trata de juízos de realidade, enquanto Ciência, mas sim de juízos de valor. Isso representa que, o ato de filosofar é ir além do que se vê, é a busca pela compreensão do que deveria ser, o julgamento de valor da ação necessária, a busca pelo significado filosófico, que surge quando um pensamento se transforma em objeto de reflexão.

Essa área do conhecimento possui características em três pontos: pelos temas e conteúdos abordados; função na cultura e pelo modo que se trata esses pontos. Quanto aos seus conteúdos, em termos contemporâneos, a Filosofia dispõe de conceitos como beleza, bem, verdade e justiça. Contudo, não foi sempre que essa área dispôs de temáticas selecionadas, como as apresentadas acima. Na Grécia Antiga, a Filosofia tinha tratamento de todos os temas, tendo em vista que até o século XIX não existia separação entre Filosofia e Ciência, o que contribuía para uma junção de todo o conhecimento. Contudo, a Filosofia apresentou uma nova maneira de tratamento quanto as temáticas ao qual possui objeto, determinando uma mudança significativa na maneira que o conhecimento atual é visto pelo mundo (Aranha, 2002).

Em termos históricos, a Filosofia busca respostas para questões que são compreendidas e a cada época angariam respostas, por intermédio de diferentes reflexões que formam escolas ou correntes de pensamentos. Aristóteles (384-322 a.C.) e Platão (427-347 a.C.) atribuíram para a Filosofia os seus conceitos

com uso amplo até os dias de hoje. Esses filósofos consideraram a Filosofia como um discurso espantado e admirado quanto ao mundo. Na concepção de Platão e Aristóteles, a Filosofia atua com a propositura de certas questões que requerem um olhar dedicado para as mesmas (Aranha, 2002).

A Filosofia é assim, responsável por trazer importância para questões que poderiam passar como corriqueiras. Tudo a que se está acostumado pode se tornar um motivo de reflexão, tudo o que se considera corriqueiro pode se transformar em um ponto de busca pela incapacidade de aceitação para um ponto de mudança. Grande parte das definições de Filosofia são controversas, em termos razoáveis. Isso ocorre em função de que a Filosofia alterou de modo radical a sua presença no decurso histórico e de muitas investigações que foram inclusas originalmente, terem sido excluídas posteriormente (Aranha, 2002).

Um conceito mais conciso, mas ainda sim controverso, é que essa área consiste no pensamento crítico e racional, de modo um tanto quanto sistemático acerca da natureza do mundo em termos gerais – metafísica ou a teoria da existência; justificativa de crenças – epistemologia ou teoria do conhecimento e ainda a conduta de vida e adaptação – ética ou teoria de valores. Cada um desses três aspectos aqui apontados possui uma contraparte não filosófica, as quais se distinguem pela maneira de condução racional e crítica e também pela sua natureza sistemática. Todos possuem uma concepção generalizada acerca da natureza do mundo em que vivem e do seu lugar de ocupação. Destaca-se que, a metafísica questiona os pressupostos de sustentação dessas concepções, buscando um conjunto organizado de pensamentos e crenças (Aranha, 2002).

Com esses pontos estabelecidos é preciso compreender o que se entende, em termos filosóficos, acerca da liberdade e também do Estado. Hegel, após sua abordagem acerca de qual seria a natureza do espírito, que é a liberdade, e também a abordagem quanto aos meios de realização da liberdade, que são as ações humanas, tratou sobre a finalidade que deveria ser alcançada na realidade, para que a liberdade fosse vista de modo efetivo (Hegel, 2008).

Segundo Hegel (2008), a liberdade do indivíduo é atrelada ao Estado e somente no Estado que existe a união da razão com a vontade subjetiva, pois o Estado é a unidade do desejo essencial, universal e subjetivo. Sendo assim, o Estado é o local ao qual o ser humano pode desfrutar de forma plena de

sua liberdade, pois, por meio das determinações racionais e gerais que as Leis se fazem presentes. Para o filósofo, as Leis de um Estado não são relativas, casuais, contingentes ou acidentais, mas sim de uso racional.

Contudo, também é observado pelo filósofo que, a liberdade no Estado, enquanto ponto de ligação da razão e vontade subjetiva não deve ser confundida com a submissão da vontade subjetiva para a execução da vontade universal, atribuindo a cada indivíduo a necessidade de restrição de sua liberdade para um bem maior – ou seja, por meio de um acordo social que cada uma das partes deverá limitar sua vontade para que o Estado possa existir. Para Hegel, esse ponto culminaria em um local em que ninguém encontraria realização plena e apenas um local de incômodo universal (Hegel, 2008).

A justificativa acerca de diversos pensadores e pensamentos filosóficos, com diversos pontos peculiares é atribuída a um ponto que é comum a todos: a presença do discurso filosófico. Jaspers aponta que, o ato de filosofar deve inserir o sujeito em contato com as problemáticas discutidas em termos tradicionais, que são estabelecidas conforme as gerações humanas, porquanto, assim que a Filosofia entra em contato com as grandes temáticas. Todo filósofo, apenas por ser filósofo, possui um fio de ligação: o modo específico de abordagem das temáticas (Russel, 1997). Com isso, por intermédio do conhecimento acerca da historicidade de sistemas filosóficos que se nota a ligação íntima com o momento histórico de suas origens.

HISTÓRIA

O conhecimento acerca da história do pensamento do homem, enquanto presente no Ocidente, porquanto, o contato com diversas versões históricas que foram contadas por este gênero para si acerca de quem era e qual a sua atuação no mundo, sobre o significado de mundo, é um aliado valioso na busca pela compreensão de quem se é e qual o papel atual na sociedade em que se vive. A história da Filosofia é responsável pela sintetização da jornada do ser humano numa busca contínua com uma máxima que também marca o seu ponto inicial. Cada indivíduo possui em si uma

atualização quanto ao movimento inteiro que o homem passou desde o seu marco inicial. Essa concepção é o primeiro ponto para a criação de uma concepção de ordem crítica.

Não é por acaso que, Hegel, considerado um dos maiores filósofos da era moderna, com a reflexão acerca das transformações econômicas e científicas, políticas, sociais e culturais de seu tempo, tenha produzido um pensamento filosófico com estreita conexão a história, atribuindo com totalidade e dialética, buscando a amostra que, nesse período de conflito tudo o que se é, é um resultado da história (Hegel, 1983).

Um marco histórico que impactou Hegel (1988) foi a Revolução francesa, que representou um salto de qualidade para uma nova era. Era de convencimento de Hegel que a história teria chegado a um ponto mais elevado, ao qual contribuía para a iluminação do restante do mundo. Com esse evento histórico, se tornou visível a evolução do ser humano e uma expansão progressiva que, ao longo de seu percurso ampliou a liberdade para alguns, para a liberdade de muitos (Hegel, 2008).

Na construção de seu pensamento filosófico, Hegel buscou sedimentar a concepção circular – de eterno retorno – com origem do pensamento grego-romano e com uma projeção teleológica acerca da tradição judaico-cristã, introduzindo nesses pontos a ciência conceitual e dramaticidade da dialética. O filósofo empreender uma tentativa ambiciosa de resgate de uma cidade antiga, com força de um sentimento religioso, mas também buscou a conciliação com a política francesa, a economia inglesa e a filosofia germânica, numa tentativa de superação do dualismo e formalismo instaurado no entendimento moderno (Hegel, 2008).

Sendo assim, em um painel histórico vasto e de ascensão, Hegel construiu uma filosofia com entendimento de que, a autoconsciência individual e também coletiva eram constituídas de um processo histórico, em termos progressivos e dialéticos, até alcançarem um conjunto articulado de visão totalitarista, que abrange a unidade para a multiplicidade do real. A trajetória histórica do espírito é desdobrada na natureza de diversos povos, em sua política, arte, cultura, paixões, religiões e, assim a Filosofia, busca interligar todos esses aspectos em um todo (Hegel, 2008).

O pensamento de Hegel foi atribuído pelo convencimento acerca da compreensão dos fatos históricos com o aspecto universal apresentado, atribuindo essa junção para a Filosofia e não para a História, em virtude desta última ser limitada para a compilação de fatos desconexos e isolados. A Filosofia já contribuiu com opiniões sequenciadas, conjunto de dados empíricos dos fatos históricos, sendo assim a história do mundo é o terreno de investigação para a Filosofia. A investigação filosófica é a área que possui a condição de descoberta da racionalidade subterrânea quanto ao conjunto articulado das etapas e dos sistemas, de maneira a alcançar a compreensão da totalidade, tendo em vista que, o verdadeiro é o inteiro e que todo indivíduo, e também toda a particularidade, só alcançam a realização concreta enquanto objetividade do espírito, que é configurado no Estado (Hegel, 1983).

Com esses posicionamentos, Hegel destaca que, é a simples ideia de que a razão governa o mundo e, assim, a história do mundo é considerada também um processo racional. Sendo assim, a filosofia da história é a razão entendida quanto a sua determinação, quanto a realidade da vida humana, ao qual a razão e os interesses, necessidades, ambições – objetivas e subjetivas, particular e universal são completas entre si, tendo em vista que, com a concretização de seus interesses, o ser humano realiza algo mais amplo, que é oculto no interior de suas ações. É possível aferir que, a razão operando na história enquanto substância e força de constituição, o mundo não estaria entregue ao acaso. Pode-se dizer ainda que, a história universal é, de modo geral, a apresentação do espírito no lapso de tempo, enquanto a natureza seria o desenvolvimento do pensamento no espaço (Hegel, 2008).

Sendo assim, com o entrelaçamento íntimo e dialético da História e da Filosofia, uma atuando enquanto manifestação da outra, dois aspectos de um mesmo processo, Hegel buscou mostrar o que o espírito utiliza para a chegada na sua essência para o seu conceito, mas que existe lógica na história, com reconhecimento visível em diversas civilizações, conforme a multiplicidade de ocorrências e na desenvoltura de suas ações, de forma que tudo o que é racional é real e vice-versa (Hegel, 1996).

Uma história que deve ser entendida com a partida não de ideias de um aspecto subjetivo, mas sim da vida real das pessoas, de conflitos e de

divisões sociais profundas instauradas em um modo de reprodução que caracterizaram diversas épocas da história humana: medieval, asiática e moderna, por exemplo. Nesse atual modo reprodutivo da indústria, a violência, época da burguesia e as divisões na sociedade possuem continuidade com outras formas de apresentação, camufladas por estruturas econômicas, com configurações assumidas pelo Estado e pela sociedade civil. Essa base material histórica, que fora negligenciada por pensadores anteriores, tornou-se um ponto chave para a interpretação necessária para descobrir os mecanismos das sociedades antigas. Também é por meio desta que é possível compreender os modos que as sociedades de outrora operavam, bem como suas ruínas e elementos de constituição, sendo todos esses aspectos fundamentais para se compreender a filosofia e a história (Marx, 1983).

O pensamento marxista considera que, conforme a consideração acerca das condições materiais concretas da vida humana e também das divisões de classe, afasta toda e qualquer visão mecânica da história, pois apresenta como são as ações nos grupos sociais e também nas organizações políticas que constituem os elementos de uma nova sociedade. Se a premissa de que, a burguesia é responsável por forjar armas e os homens que empunham as armas, é de responsabilidade do proletariado o reconhecimento do lado negativo que produz a luta enquanto movimento, para atuar enquanto papel de revolução do modo de produção e assim dar origem ao movimento histórico de uma geração real de comunismo, para a criação de uma sociedade livre em termos individuais com associação ao reinado da liberdade (Marx, 1965, 1968, 1998; Marx & Engels, 1999)

Para Karl Marx, não é papel do filósofo a mudança das coisas, enquanto isolado no seu pensamento ou ainda voltado para a retirada de uma poesia do passado, mas sim as revoluções que são as engrenagens da história, conduzidas pelo protagonismo da classe proletária, com a libertação por meio de atos históricos e não por um ideal. Esse aspecto é fortalecido, pois os homens que fazem a sua história, mas não de modo arbitrário, em condições escolhidas, mas em condições que são determinadas ou herdadas de fatos históricos (Marx, 1998; 2011).

CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO

A Filosofia exerce uma ampla influência na vida de todos na sociedade, até mesmo para quem nunca nem mesmo teve contato direto com a área. Em um aspecto indireto, a Filosofia tem sido apresentada por intermédio da literatura, sermões, oralidade, jornais e etc., impactando em toda a perspectiva geral para o mundo. Em boa parte, foi por conta de sua influência que a religião cristã é o que se é hoje.

É inegável o fato de que a Filosofia é influente na política e que essa influência pode ser, por vezes, nefasta. Um exemplo é que, os filósofos alemães no século XIX podem ter uma responsabilidade parcial quanto ao desenvolvimento do nacionalismo exacerbado, que culminou posteriormente a uma forma deturpada de proporções gigantescas. Contudo, não existem dúvidas que, essa responsabilidade pode ser exagerada de formas frequentes, sendo complexa a determinação exata, o que se deve a obscuridade da apresentação dos pensamentos dos filósofos da época. Todavia, se uma filosofia pode ser base para um pensamento nefasto acerca da política, a filosofia também pode ser base para uma política de qualidade. Não existem meios que impeçam essas influências, porquanto, é oportuno de modo extremo que seja dedicada uma atenção especial para a Filosofia, no intuito de constatação acerca das concepções que impactaram de um modo nefasto ou positivo. A Filosofia, se impactar de forma positiva na política, pode culminar em prosperidade para uma sociedade (Scariotto, 2017).

Em termos específicos, no Timor colônia, a Filosofia foi implantada pelos jesuítas. Convém ressaltar que, apesar da falta de registros que apontem um ensino da área ou documentos filosóficos em termos essenciais, foi a iniciativa dos jesuítas que deram início ao processo de construção do pensamento teológico e filosófico nos moldes ocidentais no território timorense, a partir do século XVI. É importante colocar o contraponto dos pensadores filosóficos jesuítas que, enquanto os portugueses tinham o objetivo imediato de instalação e aquisição de posse das riquezas naturais, bem como escravização dos nativos, esses pensadores se propuseram ao ensino do

povo. Pode-se indagar que, o interesse maior era relacionado a necessidade da expansão dos ideais cristãos, tendo em vista que seguiam os pensamentos propostos por Concílio de Trento, concílio este que surge comopositor a reforma protestante e busca a afirmação da expansão e fortalecimento dos preceitos católicos (Santos, 2016).

Até a metade do século XVIII, os ideais propostos pelos jesuítas eram objetos de monopólio do pensamento dos nativos. Todavia, a partir da segunda metade do mesmo século, foi originado o Empirismo Mitigado, corrente filosófica que teve origem na reação e, conseqüente, oposição ao tomismo proliferado pelos pensadores jesuítas. Essa corrente tinha como proposta a redução do conhecimento válido da Filosofia a um empirismo científico com influência do iluminismo europeu, com representantes como Sebastião de José de Carvalho e Melo, ao qual é conhecido como Marquês de Pombal, ao qual sua proposta influenciou de modo fundamental a desenvoltura do pensamento filosófico no Timor, pois inspirou a partes fundamentais da classe dos intelectuais timorenses, com influência na organização das primeiras instituições de ensino médio, ao qual eram de um viés cientificista-pombaliana. Em seguimento a Marquês de Pombal, foi feito o movimento de Pinheiro Ferreira em contraposição a escolástica e, ainda, propôs ideais que culminaram no desenvolvimento do pensamento de viés humano, filosófico e político no País, como a superação de um liberalismo radical para um politizado (Santos, 2016).

Foi então que, a partir do século XX, que o Timor passou por uma mudança histórica fundamental. A Frente Revolucionária da Independência (Fretilin), proclamou unilateralmente a independência do Timor da exploração de Portugal. Nesse período, o pensamento filosófico, ao qual fora de ampla contribuição para fomentar a movimentação política e social necessária para o enfrentamento do sistema dominante, encontrou problemas com questões referentes as noções de liberdade e de consciência nacional. Conforme essa questão, na época imperial, surgiu uma corrente filosófica denominada de Ecletismo, com os representantes Gonçalves de Magalhães e Eduardo Ferreira França. Por essa corrente era buscada a resposta quanto as questões de liberdade e consciência por meio de uma proximidade com o empirismo e espiritualismo das questões emergentes desse período histórico (Santos, 2016).

O processo da emancipação timorense e, assim, a formação do Timor enquanto País está no centro de um movimento mais amplo da crise do sistema colonial e também do Antigo Regime, com repercussão na separação das colônias das metrópoles e a consequente criação de novos Estados.

A HISTÓRIA DA LUTA PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

A independência conquistada pelos timorenses, foi redimida com muito sacrifício e sangue de muitos heróis. Muito sangue havia escorrido, e muitos ossos estavam espalhados no topo das lápides sem nome. Muitos partidos participaram na história da luta pela libertação nacional, quer coletivamente, bem como individualmente. Foi, em suma, uma luta que obteve participação ampla de toda a camada social, tendo em mente e coração, dois objetivos: vencer o inimigo comum e ter a sua pátria libertada.

Em 2020 e 2021, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, em estreita cooperação com a Escola Secundária Geral São Francisco Xavier Hatulia, realizou uma pesquisa qualitativa acerca da visão, missão e ação da participação individual de um veterano, conhecido por Ernesto Fernandes/Dudu, na luta pela libertação nacional⁵. A pesquisa revelou muitas experiências valiosas que poderão servir

⁵ Seu verdadeiro nome é Ernesto Fernandes. Dudu é um pseudônimo usado na luta contra o exército indonésio. O pseudônimo Dudu é o código dado pelo Comandante em chefe, Kay Rala Xanana Gusmão. Além de atribuir um pseudônimo, Kay Rala Xanana Gusmão também confiava nele como comandante de guerrilha da região IV. Ernesto é filho do casal Francisco Exposto (Maupota) e Marta Marçal (Bisoí). Tem quatro irmãos nomeadamente Juseta (Lutoni), José Fernandes, Cosme Fernandes e Bosco Fernandes. A visão do comandante Dudu é vida ou morte, Timor deve ser independente. Este princípio é uma continuação do espírito de luta dos predecessores que morreram na defesa dos fracos e oprimidos pelas ações dos militares. Foi este espírito de luta que levou o comandante Dudu a pegar em armas e lutar contra os soldados durante a ocupação indonésia. O slogan que sempre se dizia naquela época era avançar, atacar, arremeter até a última gota de sangue, mesmo que só restasse uma criança ou restasse apenas uma mulher, a liberdade era um preço fixo. Na era da independência, com apenas alguns anos restantes de idade, o ex-comandante de guerra da região IV continuou a lutar e contribuiu para preencher a independência ao escolher se tornar membro do Parlamento Nacional de Timor-Leste para o período 2018-2023.

como espelho para a atual e próximas gerações⁶.

Em primeiro lugar, os valiosos feitos heroicos deste ente querido veterano vieram testemunhar que, nem sempre o nível de educação de uma pessoa é uma medida da qualidade das observações feitas por alguém. Ou seja, o nível de escolaridade de uma pessoa não constitui nenhuma garantia em termos de capacidade de pensar, de maturidade para expressar e sabedoria para agir ou atuar. Por outro lado, tanto ser letrado ou ser analfabeto, não podem constituir medidas de mensuração quanto ao entusiasmo e a força de um indivíduo para lutar ou resistir. O seguinte trecho da entrevista vem revelar-nos este facto:

Nunca tive a oportunidade de ter uma educação formal. Só tive a oportunidade de morar com meu avô que também nunca andou na escola. Entretanto, a sabedoria popular ampliou a sua visão sobre o sofrimento da sociedade como consequência da ocupação estrangeira. Nesta ocasião, queria dizer que quase todos os nossos antepassados, nunca tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Porém, possuem capacidade de pensar, maturidade para falar e sabedoria para agir, além da alta capacidade de análise de todos os acontecimentos que ocorreram em suas vidas, principalmente aqueles relacionados ao sofrimento da sociedade devido às ações dos militares. Eles persistentemente, e por vários meios, lutaram para libertar a sociedade da opressão e do sofrimento. Foi este o espírito de luta que se tornou meu ponto de partida para levantar minhas armas contra o exército indonésio.

Um segundo aspecto levantado é que a experiência é a mestre da vida. O passado é fonte de inspiração valiosa que fundamenta o modo de pensar, falar e agir. Uma pessoa sábia ou prudente é aquela que sempre reflete sobre o que aconteceu no passado. Quem faz das experiências passadas a base da sua missão, visão e trabalho no presente, obterá resultados brilhantes no futuro.

Luto pela libertação da pátria e do povo e contra a tirania e a crueldade, não sem fundamento. Eu peguei em armas e levantei contra os soldados indonésios, dando continuidade à luta dos meus antecessores. A luta deles é minha. A paixão deles é minha também. Somos um em princípios, apenas diferentes no modo de atuação. Eles usaram armas tradicionais, como

⁶ As entrevistas foram realizadas em Língua Tétum. Todos os resultados da pesquisa estão escritos no livro intitulado *O Comandante Região IV, Ernesto Fernandes-Dudu: visão, missão e ação*. O livro foi lançado e publicado na Paróquia de Hatulia em 01 de outubro de 2020, na comemoração aniversário do 100 anos da missão da Igreja Católica em Hatulia.

azagaias, lanças de bambu, flechas, enquanto eu uso armas que são categorizadas como moderna e padrão. O que meus predecessores semearam e desenvolveram, foram por mim preservadas e constituirão memórias históricas que serão preservadas e valorizadas pelas gerações vindouras. Comparando isto como construir uma casa, onde os antecessores lançaram os alicerces e eu construí esta casa em cima destes alicerces e os meus filhos, filhas, netos e netas, bisnetos e bisnetas habitarão nela e a terão como herança histórica preservada para sempre.

Em terceiro: o homem pode morrer, mas a ideia continua viva e os seus feitos ficarão marcadas na história de um povo. O nome do herói será frequentemente lembrado e mencionado de geração em geração. A pessoa pode ser capturada, aprisionada e morta, mas o espírito sobrevive e, às vezes, age por meio de alguém. É por este facto que os timorenses manifestam um respeito especial aos seus defuntos, estabelecendo entre eles uma relação de carácter espiritual. Assim, é apropriado quando posicionamos os espíritos de nossas famílias falecidas em um lugar especial, para que na vida após a morte, eles possam orar e nos ajudar.

Nossos avós morreram, mas seus brios e seus sonhos permanecem vivos em nossos corações. Sempre me lembro das palavras e ações que eles fizeram no passado, e às vezes conto aos outros sobre sua visão, missão e ações na luta contra a opressão dos colonizadores. Pessoalmente, tenho plena confiança de que quando lembrarmos e invocarmos com devoção, o nome de alguém que morreu, o seu espírito estará presente para nos interceder⁷.

⁷ O comandante de guerrilha da região IV contou uma história sobre a ajuda que recebeu quando mencionou o nome de seu avô morto e pediu sua ajuda. Conta-se que naquela época ele e seu irmão mais novo, Bosco Fernandes, estavam escondidos em uma das cavernas. De repente, eles foram cercados e atacados por soldados indonésios. Seu irmão mais novo morreu imediatamente naquele lugar. Ele escapou e evadiu a cerca de quinze metros do local. Em um esforço para evitar isso, com todo o coração sobre os joelhos ele rezou “Óh, Dom José Manumeta e seus amigos que começaram esta luta, mostre-me que você ainda está aí e vive nessa natureza. Porque se hoje, eu tenho que encontrar minha morte, então quem mais continuará nossos sonhos e aspirações. Se hoje chegar minha morte, então seus sonhos e esperanças desaparecerão para libertar nossa pátria e nosso povo. Se hoje chegar minha morte, então seus sonhos e esperanças desaparecerão para libertar nossa pátria e nosso povo. De repente, o local foi envolto em nuvens espessas, então veio um vento e uma chuva forte acompanhada por um som muito violento de trovão, fez os soldados fugirem do local. Ruídos e descargas atmosféricas muito potentes, ultrapassando o som de tiros ou bombas, fizeram os soldados correrem e abandonarem o local.

O quarto ponto: não devemos julgar, muito menos punir erros passados com nossa perspectiva atual. Os fatos passados, aconteceram em determinado lugar, uma só vez, com um grupo de pessoas e em determinado momento. Podemos apenas fazer uma análise dos acontecimentos que ocorreram no passado, mas somos incapazes e até mesmo impossíveis de revelar exatamente, completamente, e em detalhes, os fatos do passado. Somos incapazes de entrar e desvendar o âmago de um acontecimento que ocorreu no passado. Tudo o que pode ser feito é tentar reconstruir os acontecimentos, analisar e reinterpretar os fatos passados de pessoas diferentes, em momentos e em lugares diferentes, em situações e condições diferentes. Portanto, é injusto e insensato quando usamos os óculos do presente para julgar e punir o passado que desconhecemos:

Às vezes ouço algumas expressões de pessoas ou jovens de hoje que dizem que nossos pais são ignorantes, não andam na escola e não sabem ler nem escrever. Nossos pais não tiveram oportunidade para obterem tudo isso (...), não tiveram (...) e assim por diante. Eles não compreendem o pensamento das pessoas antigas como os nossos pais. Por isso, quando algo de ruim acontece, muitas pessoas tendem a dizer que é o resultado de transgressões cometidas no passado. Há uma tendência de não reconhecer nossas falhas e erros, mas, ao contrário, fugir das responsabilidades e culpar o passado. Seria sábio não julgar e punir o passado, mas antes agradecer o passado para viver o presente com esperança e projetar um futuro melhor. Não íamos à escola não por vontade própria, mas pela situação daquela época que nos impossibilitava de termos uma educação como vocês agora.”

Quinto: quem receber muito também deve dar muito, e quem receber pouco, se não conseguir dar muito, dê um pouco daquilo que tem. Se recebermos muitos talentos, devemos fazer muito pelos outros. Somos moralmente responsáveis, tanto neste mundo como no outro mundo, por tudo o que fizermos no nosso dia a dia assim também, somos responsáveis pela prosperidade das gerações vindouras.

Devemos ser gratos para com os nossos antepassados, pois mesmo sendo analfabetos, só usam armas tradicionais e cavalos como meios de transporte, sem meios de comunicação como hoje, mas apesar de todas estas limitações, conseguiram ultrapassar e fazer o melhor possível para a pátria e o seu povo. Pessoalmente, peço à geração atual que diz que tem tudo à sua

disposição, tudo é atualizado e moderno, que detém formação de alto nível, que aprendam a dar o melhor que podem para o bem do nosso povo. Nós, a velha geração sem alguma instrução, conseguimos libertar a nossa pátria dos grilhões da opressão, então encarecidamente recomendamos à nova geração que mantenham esse objetivo alcançado como um dom precioso.

O sexto aspecto a ser destacado: nascemos e viemos a este mundo, não por nossa própria vontade. Não existíamos originalmente e não sabemos exatamente como éramos em nossa ausência. Fatos (teoria da facticidade) mostram que existimos e vivemos. A vida que nós temos, não somos nós que escolhemos e não é da nossa vontade. O Criador conheceu e determinou nosso destino, muito antes de nascermos.

Viver, lutar e guerrilhar na montanha não é fácil (...), posso dizer resumidamente que não existe uma forma de sofrimento neste mundo que eu não tenha experimentado. Eu experimentei e passei por todas as formas de sofrimento neste mundo, e só resta uma coisa que eu não experimentei é a morte. Às vezes me revolto e fico decepcionado ao perguntar porque nasci, para que nasci, a que minha vida está destinada a sofrer no mato, quando essa luta chegar ao fim? (...), quando esse sofrimento terminar? (...), nasci no mundo apenas para sofrer? Porque teria que ser eu e não outra pessoa? (...) Eu não escolhi e não queria vir a este mundo, mas fui escolhido e trazido a este mundo. Espero que todos vocês, especialmente a geração atual, não se preocupem muito com seu destino no futuro. Na minha opinião, o mais importante é que você dê o seu melhor hoje, para que amanhã você possa colher os resultados.

Por fim, o sétimo aspecto: uma grande nação, é uma nação que aprecia as obras dos seus heróis. É correcto que a geração actual se orgulhe dos seus combatentes veteranos. Este orgulho deve ser demonstrado através do respeito pelos veteranos e fazendo o seu melhor pelo país e pela nação.

Espero que as gerações presentes e futuras saibam valorizar e dignificar os méritos e sacrifícios de todos daqueles que se dispuseram a sacrificar suas vidas e suas propriedades para libertar esta pátria dos grilhões do colonialismo. Para mim, uma grande nação é uma nação capaz de valorizar os serviços de seus heróis. Nós já demos tudo o que podemos e possuímos. Agora toca você preencher a independência com a formação que possui em prol do desenvolvimento desta querida nação Timor-Leste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ensaio houve a apresentação acerca do aprendizado da influência dos pensamentos filosóficos na história. É de suma importância a compreensão que, cada ator do processo de evolução visto nos eventos históricos buscou as transformações e mudanças por meio do questionamento do mundo onde viviam. O modo como olharam para o mundo e refletiram foi o que culminou nas ações em busca de liberdade.

É um engano o pensamento de que a Filosofia não é do mundo, não possui relação com o cotidiano. A Filosofia é originária do mundo e a partir do mundo. O enfrentamento das demandas históricas específicas e os sujeitos históricos que fazem a filosofia. O discurso, por si só, não teria sentido, a busca do pensamento filosófico seria nula, se não houvesse a relação com as problemáticas reais, com a vivência de momentos históricos únicos.

O desenvolvimento da Filosofia no Timor apresenta diversas nuances, conforme os movimentos históricos nacionais. A problemática que envolve a filosofia timorense em termos originais é importante e deve ser pensada, tendo em vista a emersão em um País onde a miscigenação é um aspecto central de sua cultura e que as linhas de pensamento implantadas inicialmente são estrangeiras.

Todavia, é preciso reconhecer o pressuposto de que as temáticas filosóficas foram estabelecidas conforme os termos universais, com abordagens universais e incorporadas com as urgências de cada lugar. Desta forma, mesmo as temáticas com cunho desafiador, ainda houve expressão filosófica timorense de clara importância para o desenvolvimento de uma ideia nacional, de maneira que a Filosofia se encontra presente e ainda é discutida em todos os períodos que perfazem a história nacional.

Sendo assim, a Filosofia não deve ser compreendida apenas com um mero sentido de autoconstrução individualista, ou ainda de uma incorporação de urgências circunstanciais, mas sim quanto a um conteúdo que deve ser ensinado e aprendido, tendo em vista que existem linguagens e métodos e que, com a devida importância, a compreensão é construída, desenvolvendo também mais dúvidas e, assim, o caráter filosófico do pensamento nacional.

REFERÊNCIAS

- Aranha, M. L. A. (2002). *Filosofia da educação*. 2ª ed., São Paulo: Moderna.
- Cunha, J. A. (2013). *Iniciação à investigação filosófica: um convite ao filosofar*. Campinas: Alínea.
- Hegel, G. W. F. (1983). *Lezioni sulla storia della filosofia*. Firenze: La Nuova Italia.
- Hegel, G. W. F. (1988). *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes.
- Hegel, G. W. F. (1996). *Lineamenti di filosofia del diritto*. Roma-Bari: Laterza.
- Hegel, G. W. F. (2008). *Filosofia da História*. Brasília: UnB.
- Marx, K. (1965). *Il Capitale*. Roma: Riuniti.
- Marx, K. (1968). *Manuscritti economici-filosofici del 1844*. Torino: Einaudi.
- Marx, K. (1983). *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marx, K. (1998). *Miseria della filosofia*. Roma: Riuniti.
- Marx, K. (2011). *Il 18 di Brumario di Luigi Buonaparte*. Roma: Riuniti.
- Marx, K., & Engels, F. (1999). *Manifesto del partito comunista*. Roma-Bari: Laterza.
- Russel, B. (1997). *The problems of philosophy*. Oxford University Press. New York
- Santos, T. F. (2016). Panorama histórico da filosofia no Brasil: da chegada dos jesuítas ao lugar da filosofia na atualidade. *Seara Filosófica*, 12, pp. 126-140. <https://doi.org/10.31977/grirfi.v12i2.668>
- Scariotto, V. J. (2017). *A importância da filosofia para a educação*. Monografia (pós-graduação) – Centro Universitário Claretiano. São Jose dos Campos.

Direitos Autorais (c) 2021 Martinho Borromeu e Natalino da Costa Soares



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)